



Repensar Portugal, a Europa e a Globalização

Saber Padre Manuel Antunes, SJ – 100 anos

José Eduardo Franco e Guilherme d'Oliveira Martins

Coordenação científica

Susana Alves-Jesus

Coordenação executiva

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2022

Sophia e o Padre Antunes

O que podem a literatura e a poesia

Sophia and Father Antunes: What literature and poetry can do

Isabel Nery

UNIVERSIDADE DE LISBOA / *isabel.nery@gmail.com* / ORCID | 0000-0002-1868-3183

Resumo: O Padre Antunes, como ela gostava de lhe chamar, era para Sophia de Mello Breyner Andresen um amigo e um mestre (Antunes, 2010: 317). A admiração da poeta pelo professor era recíproca. O que de mais profundo partilhavam talvez fosse, porém, a crença de que a palavra pode reinventar o mundo. Inseparável da filosofia, ideologia encarnada, a literatura era vista como um poder, uma força social: «A poesia é necessariamente política porque uma cidade sem poesia é uma cidade morta» (Associação Portuguesa de Escritores, 1983). Se, como afirma Manuel Antunes, «a palavra é dada ao Homem para traduzir, interpretar, *dizer* a realidade que está aí» (Antunes, 2009: 197), poucos o fizeram de forma mais rigorosa do que Sophia. O encontro entre o crítico literário e a poeta eterniza-se nos escritos que deixaram e na ética que impunham à ação (política).
Palavras-chave: Padre Manuel Antunes; poesia; política; Sophia de Mello Breyner Andresen

Abstract: Father Antunes, as she liked to call him, was for Sophia de Mello Breyner Andresen a friend and a master (Antunes, 2010: 317). The admiration between the poet and the professor was a mutual one. But what they more profoundly shared was the belief that words can reinvent the world. Inseparable from philosophy, incarnated ideology, literature was seen as a power, as a social force: «Poetry is necessarily political because a city without poetry is a dead city» (Associação Portuguesa de Escritores, 1983). If, as Manuel Antunes says, «words are given to human beings so that they might translate, interpret, *say* the reality out there» (Antunes, 2009: 197), few did it in a more rigorous way than Sophia. The friendship between the literary critic and the poet lives on in the writings they left and in the ethics they imposed on (political) action.

Keywords: Father Manuel Antunes; poetry; politics; Sophia de Mello Breyner Andresen.

Os utilizadores da Igreja beata e obediente aos poderes estabelecidos terão, provavelmente, dificuldade em encontrar coerência no catolicismo e, ao mesmo tempo, espírito insurgente de Sophia. De pai protestante e mãe orientada nos preceitos da confissão mais comum em Portugal, cresce a frequentar a missa, sendo educada em colégios católicos. Apesar da confissão herdada por via dos Andresen, vindos do Norte da Europa, a poeta segue os ensinamentos religiosos da mãe (Oliveira, 2001: 8). É, portanto, próxima da Igreja, como resultado da sua educação. Porém,

como denotam as amizades com Padre Manuel Antunes e frei Bento Domingues, recusa pôr a instituição acima da sua ética. Pelo contrário, Sophia não hesitava em questionar. Desde as pequenas (grandes) coisas – como o menosprezo pela beleza, que critica depois de uma visita à Brotéria, sentida como fria e triste¹ –, passando pelas condições sociais do país governado em ditadura, até ao comportamento da hierarquia católica (Aragão, 2017). Isso mesmo fica patente em *Contos Exemplares*, especialmente em «O jantar do bispo».

A obra ajuda a clarificar a relação da poeta com Deus. Desconcertante até na sua vivência da religião, crítica da falta de teólogos e do excesso de beatas de sacristia em Portugal (Vasconcelos, 1991), desliga-se do que lhe desagradava na instituição. Embora profundamente conectada com o divino, não era dada a rituais nem catecismos. Aos padres mais amigos, como frei Bento Domingues, chega mesmo a lamentar que as missas fossem tão chatas e as cerimónias feias.² Mas nunca se afasta do que considerava ser a imanência das coisas.

O Padre Antunes, como ela gostava de lhe chamar, era para Sophia de Mello Breyner Andresen um amigo e um mestre (Antunes, 2010: 317). A admiração da poeta pelo professor de História da Cultura Clássica era recíproca. As conversas sobre o divino e o humano, uma constante. Até porque esta era uma autora para quem todo o real é poético (Oliveira, 1995) e para quem não era possível amar o Criador sem amar a criação.

O que de mais profundo partilhavam talvez fosse, porém, a crença de que a palavra pode reinventar o mundo (Antunes, 2009: 206). Inseparável da filosofia, ideologia encarnada, a literatura era vista pelo Padre Antunes como um poder, «uma força social» (Antunes, 2009: 32). Ou seja: a poesia é necessariamente política «porque uma cidade sem poesia é uma cidade morta» (Associação Portuguesa de Escritores, 1983). Tanto para a poeta como para o jesuíta, a palavra era uma arma – de mudança.

¹ «Há uma coisa no Padre Manuel Antunes que eu [Sophia] não posso deixar de dizer e que me dóia muito quando eu o ia ver à Brotéria. Durante séculos, os padres, os frades, fizeram coisas tão bonitas! Porque é que hoje em dia a Brotéria tem de ter aquela espécie de sacrifício de ser um lugar tão feio? Eu fazia-me imensa pena ver o Padre Antunes, que era um homem tão sensível à beleza, metido naquele frio, gélido e feio, da Brotéria. Eu tinha um grande amigo que dizia que a beleza tinha sido criada pelos frades e destruída pelos padres. O que não há dúvida é que há um certo gosto de fealdade que eu penso que não faz parte da virtude cristã» (Antunes, 2010: 318).

² Testemunho de frei Bento Domingues.

João Bénard da Costa disse de Manuel Antunes que este «nasceu adulto» na apreciação do fenómeno literário (Antunes, 2010: 5), praticando um género de crítica que assentava, segundo Vasco Graça Moura, numa conceção da literatura inseparável da filosofia (*apud* Antunes, 2009: 2) – mas também da poesia e da política, no sentido mais profundo que as duas expressões podem ter.

O jesuíta, nascido em 1918, e a poeta, de 1919, tinham apenas um ano de diferença. Mas não era tanto a cumplicidade geracional que os unia. Crítico das letras nacionais que escreveu sob mais de 100 pseudónimos e autor de *Repensar Portugal*, considerado um manual de leitura obrigatória para os políticos (Antunes, 2018: 15-18), o padre católico foi dos primeiros a analisar a obra da poeta.

Embora se tivesse estreado como autora havia apenas 10 anos, quando Sophia publica *No tempo dividido*, em 1954, Manuel Antunes considera que a jovem escritora vê com «olhos fundos e novos» (Antunes, 2009: 207). Uma característica valorizada pelo jesuíta, na medida em que defendia ser impossível chegar à compreensão sem observar bem, «sem preconceitos, sem precipitação e sem ficar pelo descritivo, pela rama» (Antunes, 2018: 21).

O crítico literário, que integrou a redacção da revista *Brotéria* em 1955 e veio a ser diretor da mesma dez anos depois, elogia a unidade, a concentração e a intensidade de uma «poesia intemporal que revela uma forte e depurada personalidade de poeta» (Antunes, 2009: 206). Ao conjunto de poemas escritos por Sophia durante quinze anos, entre 1939 e 1954, atribui a classificação de «perfeitos, na sua essencialidade» (Antunes, 2009: 206). Disso considera bons exemplos os versos de «Os poetas»³ e «O poeta»⁴ (Antunes, 2009: 206).

Contemplando quase sempre os mesmos fenómenos e objetos – o dia e a noite, o mar, o rio, os astros, as estátuas –, Sophia procura uma forma de estar no mundo, a de alguém que vê para dar significado ao que a rodeia. Para se dissolver nas coisas. «A sua poesia é a fixação em fórmulas lapidares e maravilhosamente belas (tantas vezes!) desses momentos de iluminação ou de visão intensa» (Antunes, 2009: 207).

A qualidade do que o crítico lia devia-se, em parte, ao estilo novo, na senda das correntes modernas europeias, devedoras de Hölderlin e Rimbaud e seguidas

³ «Solitários pilares dos céus pesados,/ Poetas nus em sangue, ó destroçados/ Anunciadores do mundo/ Que a presença das coisas devastou;/ Gesto de forma em forma vagabundo/ Que nunca num destino se acalmou» (Andresen, 2015).

⁴ «O poeta é igual ao jardim das estátuas/ Ao perfume do Verão que se perde no vento./ Veio sem que os outros nunca o vissem/ E as suas palavras devoraram o tempo» (Andresen, 2015: 350).

por autores portugueses da época, como Jorge de Sena, Eugénio de Andrade ou David Mourão-Ferreira. A concisão lapidar e a redução ao essencial eram os sinais mais distintivos destes novos autores, poetas que aumentavam o seu poder de comunicação na medida inversa da quantidade de palavras que usavam. Depurados. Densos. Exatos. «Quanto maior é a compreensão, menor é a extensão» (Antunes, 2009: 198). Assim se quer a poesia da nova geração, de que Sophia será um exemplo.

Apesar do forte interesse mútuo pelo trabalho de cada um, a ligação entre Manuel Antunes e Sophia assentava em muito mais do que discussões literárias, admiração – ou até amizade. O que ambos partilhavam, de forma talvez invulgar porque tão imaterial, era uma perspetiva ética sobre o mundo que, entendiam, só a literatura podia ajudar a clarificar. Até porque, como dizia o jesuíta, «a atitude estética do poeta dependerá totalmente da sua atitude mental perante a vida» (Antunes, 2009: 170).

A força e o poder que atribuíam à poesia era um ponto de encontro – de comunhão – entre o padre e a poeta. Para compreender essa relação simbiótica de ética, estética, poder e poesia urge rumar à Grécia. Não tanto até ao território geográfico desse nome, mas ao legado da cultura helénica que Homero, considerado o educador de todos os poetas, deixou ao Ocidente (Antunes, 2018: 260).

Sigamos, então, os gregos. Pela mão de Manuel Antunes e de Sophia.

Quando questiona (retoricamente) se a poesia terá um valor educativo, o crítico do pedantismo dos versos herméticos sabe onde encontrar a resposta. «Porque somos seus [da Grécia] filhos e seus herdeiros. Fazemos parte do Ocidente europeu, e o Ocidente europeu é a resultante viva de três grandes forças modeladoras» (Antunes, 2018: 258), a saber: a religião cristã, que lhe deu o sentido da transcendência e a certeza da imortalidade pessoal; a filosofia, a literatura e a arte helénicas, e a estrutura jurídica do estado romano (Antunes, 2018: 257-260).

Nesta Grécia habita um povo educado por um poeta: Homero. Quando a educação se baseava na memória não livresca (nem, está bom de ver, computacional), as histórias – e a sua moral – eram transmitidas oralmente. Com uma melodia e ritmo próprios, o canto dos poetas fixa-se. Impregna passado e futuro. Na Jónia e em Atenas, Homero passa a ser o grande livro que se explica, se dita e se aprende de cor. Assim se cultivam gerações inteiras a partir da *Iliada* e da *Odisseia* (Antunes, 2018). Homero é, portanto, o educador de toda a Grécia, um apurador das virtualidades do seu povo. Não se limitando a contar batalhas e aventuras marítimas, deixou em herança a perseguição de um ideal humano, muitas vezes simbolizado em mitos que reuniam em si, numa unidade, religião, vida, comportamento ético e sentido da beleza. Tudo fundido no ritmo de uma história passada de boca em boca

(Antunes, 2018). «Toda a frase poética é habitada por uma melodia, informada, de dentro, por uma melodia. [...] A verdade *compreende-se* no som que a transporta e a transfunde para o íntimo do Homem» (Antunes, 2009: 98).

Era também através da poesia que os povos podiam sentir – e não apenas pensar – a moral e, assim, aspirar aos ideais de verdade, bondade e beleza (Antunes, 2018). Era não um adorno, mas, dizia Sophia, uma necessidade (França, 1994). Talvez por isso Manuel Antunes veja na melodia dos versos um sinónimo de verdade: «A poesia exerce ainda – e tem de continuar a exercer – a sua função educativa, múltipla e diversa, insubstituível ou, quando menos, dificilmente substituível» (Antunes, 2018: 264). Mas que função é essa? A de dizer a realidade verdadeira, de aproximar os seres humanos pela comunicação, de exprimir pela palavra, de nos fazer sentir o canto de uma humanidade incerta e atormentada.

Sophia entendia que poderia haver muitos mestres, mas seriam poucos os capazes de transportar a cultura clássica até à vida de todos os dias como o Padre Antunes, representante de um magistério vivido, à maneira do ensino grego ou medieval (Antunes, 2010: 317). Bem de primeira necessidade, a cultura continuava a ser, aos olhos do crítico literário, o elo mais fraco de um país de velhas tradições e longa caminhada histórica (Antunes, 2018: 295).

À exteriorização do sujeito, ao esvaziamento do interior, à perda de capacidade reflexiva, o professor responde com a imperiosidade da poesia, como meio para aqueles que não se resignam ao destino (Antunes, 2018: 265-266). Ora, a recusa da resignação tem como corolário a necessidade de ação. E a ação é a essência da política (Arendt, 2000). A palavra – e a poesia – eram a ação de Sophia, bem como a de Manuel Antunes. Algo que a autora deixou muito claro nas suas *Artes Poéticas*:

A poesia não me pede propriamente uma especialização pois a sua arte é a arte do ser. Também não é tempo ou trabalho o que a poesia me pede. Nem me pede uma ciência, nem uma estética, nem uma teoria. Pede-me antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar. Pede-me uma intransigência sem lacuna [...] Pede-me que viva atenta como uma antena, pede-me que viva sempre, que nunca durma, que nunca me esqueça. Pede-me uma obstinação sem tréguas, densa e compacta. (Andresen, 2015: 891)

Desta reflexão nasce uma das mais conhecidas observações de Sophia sobre a sua escrita e o seu papel enquanto autora: «A poesia é a minha explicação com

o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encanto com as vozes e as imagens» (2015: 891).

Embora seja comum a associação das personalidades poéticas a realidades intangíveis, Sophia rejeita essa visão, já que o poema não fala do ideal, mas sim do concreto. De tal forma que, para a escritora, não é a estética que escolhe as palavras, mas sim a realidade. Se os poetas cantam, afinal, o que existe, compreende-se que se lhes exija «um obstinado rigor» (Andresen, 2015: 892-893).

Perseguindo o real, a poesia está também obrigada a escancarar o bem e o mal: «Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo» (Andresen, 2015: 893). Como tal, convida à ação. Mesmo que só fale de pedras ou de brisas, a obra do artista vem dizer-nos que «não somos apenas animais acoissados na luta pela sobrevivência mas que somos, por ato natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser» (Andresen, 2015: 894).

Como admite nas suas *Artes poéticas*, e repetiu em várias entrevistas (Guerreiro, 1989), a poesia é o seu estado natural. Aparece-lhe como um ditado. Antes mesmo de saber que existia uma coisa chamada literatura. Por isso, pensava que os versos viviam como uma entidade própria, não precisavam de ninguém que os escrevesse para existirem. Eram imanentes. Bastaria estar muito quieta e calada para os ouvir. «Desse encontro inicial ficou em mim a noção de que fazer versos é estar atento e de que o poeta é um escutador» (Andresen, 2015: 895).

Dir-se-ia que Sophia e o padre jesuíta estavam alinhados: «A palavra é dada ao Homem para traduzir, interpretar, *dizer* a realidade que está aí, na sua imediatez, bruta e elementar, diversa e una» (Antunes, 2009: 197). Mas não apenas para isso. Traduzindo, interpretando e dizendo a realidade, o poeta mediatiza o concreto, faz eco de emoções.

Para o jesuíta da Sertã, tal como para a escritora, a estética da poesia não estava no embelezamento frásico ou estilístico, mas na reprodução do real. Essa reprodução seria tanto mais bela quanto melhor traduzisse o que os rodeava. Mesmo que a realidade, como a pobreza ou a ditadura, fosse feia. É assim que a fusão entre literatura e ideologia aparece como inevitável.

Expressão, através da palavra, de um temperamento e recriação do universo pelo Homem, espírito encarnado nesse mesmo universo, eis como, em todos os tempos, implícita ou explicitamente, se considerou literatura, a grande, a autêntica literatura. (Antunes, 2009: 19)

Aquí, entende Manuel Antunes, reside o poder desta arte da palavra, a sua força social (Antunes, 2010).

Contrariando a posição da Igreja Católica, cujo discurso apela à aceitação da realidade, Manuel Antunes entendia que os grupos revolucionários, ao longo da história, traduzem «a vontade de renovação inscrita no íntimo daqueles a quem aceitar o estabelecido não basta» (Antunes, 2009: 197). Mais: entendia que a revolta podia dar um sentido ao não-sentido do mundo (cf. Antunes, 2009: 229).

Padre Antunes e Sophia compartiam o gosto pela poesia e a moldura ética que aspiravam para o mundo. Daí nasce admiração, mas também amizade. Em carta de 21 de junho de 1980, Sophia queixa-se de um pulso partido, na mão direita, que a obriga a passar um mês e meio com gesso e dores. Ao acidente segue-se uma dispensável gripe. E outro tipo de enfermidades (políticas) de que se lamenta ao confidente. A juntar aos desagradáveis males físicos, Sophia faz também referência à coligação de centro direita, a Aliança Democrática (AD), que apelida de «uma espécie de doença». Depois de prometer a devolução de alguns livros, despede-se com «muitas saudades da muito amiga» (Antunes, 2010: 31).

Insatisfeita com o mundo, como acontece tanto aos idealistas, o facto de ser católica não coibia Sophia de aplicar a sua exigência ética à Igreja. Antes pelo contrário. Através da sua força para a ação – a literatura –, a poeta critica os males do país, especialmente as hipocrisias dos poderes instalados, como os retratados em «O jantar do bispo».

No conto, há um padre novo (Varzim) que traz a semente da guerra ao desejar mudança onde reinava a ordem e que chama a realidade pelos nomes: «Da nossa própria fome [...] podemos dizer que é um problema material e prático. A fome dos outros é um problema moral» (Andresen, 1996: 50). Há também o dono da casa, apostado em fazer o padre aceitar o poder estabelecido porque todo o poder vem de Deus; um primo com opiniões subversivas, a defender estranhezas como a democracia, a liberdade de imprensa e o direito à greve («O jantar do bispo» é publicado em *Contos Exemplares*, em 1962, quando faltavam ainda 12 anos para o 25 de Abril); uma igreja em ruínas a precisar de renovação; um homem importantíssimo que acena com cheques; um pobre que quer falar com o dono da casa; e um bispo que aceita o papel-moeda para reabilitar a igreja ao mesmo tempo que se deixa convencer a deslocar para longe o padre Varzim, aquele que defendia os pobres e incomodava a ordem das coisas, belíssima para uns poucos, péssima para a maioria.

As alegorias do bem e do mal juntam-se num jantar durante o qual se demonstra que há remédios para todas as doenças e argumentos para todas as consciências (Andresen, 1996: 60). Metáfora perfeita – até bastante clara, em tempos de censura – de um sistema apodrecido. Para alguns estudiosos, trata-se de literatura como testemunho histórico, até porque o conto foi inspirado em personagens com que Sophia se cruzou no mundo real, como Abel Varzim, sacerdote que defendia os operários, e o bispo do Porto, António Ferreira Gomes. Os factos dizem-nos que existiu um padre chamado Abel Varzim (1902-1964) que investigou a pobreza dos agricultores, impulsionou movimentos operários, trabalhou na reintegração de prostitutas e foi deputado à Assembleia Nacional antes de começar a ser malquisto pelos poderes da Igreja (Aragão, 2017: 47-49).

Sobre as prostitutas, o Varzim da não ficção observou, impertinente, que «também elas, como as freiras, mudam de nome... porque os extremos tocam-se» (Aragão, 2017: 49). Criticando a submissão da Igreja a Salazar, o padre passa a ser perseguido pela PIDE, que regista todas as suas atividades. Já o bispo do Porto da vida real, depois de ousar alertar para a miséria social, em carta com grande divulgação entre os católicos, é obrigado ao exílio em Espanha (Aragão, 2017: 52-53).

Voltando à ficção, veículo privilegiado de oposição em regimes autoritários, porque menos exposta à censura, o conto, que alguns (e.g. Aragão, 2017: 57) consideram mais próximo da novela, é publicado como história imaginada. Mas a abordagem às contradições sociais do Estado Novo e da Igreja é um retrato da realidade portuguesa tal como Sophia a via. Com um objetivo claro: denunciar a injustiça e reflectir sobre a riqueza e a pobreza, ao mesmo tempo convidando ao compromisso com a realidade política e social do país no Estado Novo (Aragão, 2017).

No final da década de 80, Sophia admitirá em entrevista a intenção política do conto, considerando que era uma referência ao Estado Novo (Guerreiro, 1989), o que tornava o texto algo datado, embora atual nas ideias fundamentais.

A realidade é cogitada através do dono da casa, o padre Varzim, o bispo, uma criança, um homem importantíssimo e um homem apenas homem (símbolo de Deus), além das criadas, a quem Sophia dá a última palavra sobre a irónica história: «Nos tempos que correm – disse a cozinheira – já não há Deus nem Diabo. Há só pobres e ricos. E salve-se quem puder» (Andresen, 1996: 94).

Homem sempre doente, como o caracterizaria Sophia, Manuel Antunes morre quase vinte anos antes da amiga poeta. Na altura da sua morte, a 18 de janeiro de 1985, Sophia recorda-o assim: «Eu conhecia o Padre Manuel Antunes há muito

tempo; foi sempre para mim, simultaneamente, um mestre, no sentido intelectual, um grande amigo e um exemplo humano». Alguém que permanece como «símbolo da liberdade intelectual e de defesa dessa liberdade» (Antunes, 2010: 317, 318).

Depois do 25 de Abril, chegou a ser convidado para fazer parte do governo como ministro da Educação, mas recusou. Professor que deu aulas a mais de 15 mil alunos, conselheiro do Presidente da República Ramalho Eanes, ouvido por muitos no caminho para a democracia, nada parecia retirar-lhe a disponibilidade para o Outro (Antunes, 2018). Apesar da vida cheia e das muitas pessoas com quem contactava, o Padre Antunes «falava connosco como se tivesse estado todo o tempo a pensar em nós», com «uma abertura extraordinária para o facto de cada pessoa ser única e insubstituível» (Antunes, 2010: 317). Avesso, apesar da sua capacidade intelectual, a pensamentos demasiado teóricos e distantes, Sophia admirava a sabedoria com que Manuel Antunes ligava a cultura e a vida, mas também a sua humildade, que, aliás, tinha como a lição fundamental do sacerdote. «Ele sempre disse: no fundo, é um grande dom ser pobre e ser doente» (Antunes, 2010: 318).

Comparando a personalidade do pintor Arpad Szenes à do padre jesuíta, Sophia via-lhes claridade, capacidade de atenção, de deslumbramento e de encantamento perante a vida e as coisas: «Uma certa alegria de infância, vivida até à hora da morte» (Antunes, 2010: 318). Apesar do sofrimento causado pelos problemas de saúde, Sophia conseguia encontrar em alguém como o Padre Antunes a única pessoa divertida num encontro de escritores na Alemanha. Ou o homem que sabia manter a alegria de criança perante uma exposição em Veneza, frente à beleza das coisas, da arte, dos espaços, da cidade, da luz do dia (Antunes, 2010: 318).

Se a palavra é, como defendia o Padre Antunes, «dada ao Homem para traduzir, interpretar, *dizer* a realidade que está aí» (2009: 197), poucos o fizeram de forma mais rigorosa do que Sophia. O encontro entre o jesuíta e a poeta perdura, portanto, para lá das suas vidas. Eterniza-se nos escritos que deixaram e na ética que impunham à ação (política).

Bibliografia

- Andresen, S. (1996). *Contos Exemplares*. Porto: Figueirinhas.
- Andresen, S. (2015). *Obra Poética*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Antunes, M. (2009). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes, SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. v, vol. 1). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Antunes, M. (2010). *Obra Completa do Padre Manuel Antunes, SJ* (Coord. geral J. E. Franco) (t. vi). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Antunes, M. (2018). *Compreender o Mundo e Atualizar a Igreja. Grandes Textos do Padre Manuel Antunes*. Lisboa: Gradiva.
- Aragão, E. (2017). *Sophia de Mello Breyner Andresen: Militância Antifascista a partir da Crise do Estado Novo (1958-1974). Análise do Conto «O Jantar do Bispo» e Atuação na Assembleia Constituinte (1975-1976)*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, Brasil.
- Arendt, H. (2000). *A Vida do Espírito – Pensar* (vol. 1). Lisboa: Instituto Piaget.
- Associação Portuguesa de Escritores (1983). *Breve Memorial da Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE) e Associação Portuguesa de Escritores (APE) no X.º Aniversário da APE*. Acedido a 20 de janeiro de 2020, em: http://www.apescritores.pt/APE/Historia_APE.pdf.
- França, E. (1994, 24 de novembro). Atenta antena. *Diário de Notícias*, 2-3.
- Guerreiro, A. (1989, 15 de julho). Os poemas de Sophia. *Expresso*, 54-57.
- Oliveira, J. (1995). Sophia: A vida é festa e alegria, mas também sofrimento. *Cidade Nova*, 1, jan., 7-8.
- Oliveira, J. (2001). Delicadíssima Sophia. *Cidade Nova*, 3, maio-jun., 8-9.
- Vasconcelos, J. (1991, 25 de junho). Sophia: a luz dos seus versos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 8-13.